

instituto de arte contemporânea

Agradecemos a colaboração

TRANSOTO  
PALACE HOTEL  
GRANDE HOTEL  
M. A. M.



MUSEU DE ARTE  
DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE  
15 DE JUNHO DE 1965



- a) a obra de Ivan Serpa se caracteriza por um consistente desenho, fundamental da composição, que é aplicada ao gênero que assume. Trabalhos da fase «concreta» mostram ordenação compositiva plástica correspondente aos da fase atual (figurativa-expressionista-fantasmagórica).
- b) o estilo individual do autor fundamenta-se na qualidade e na organização plástica, por conseguinte mais na problemática que na temática.
- c) a temática de Ivan Serpa é resultante de um processo de curiosidade intelectual. Há quem chame de pesquisa, mas prefiro dizer curiosidade intelectual, a este processo do artista buscar valores plásticos nos territórios mais diversos da expressividade humana (os desenhos e pintura dos primários, da criança, da arte-popular, etc.), procedimento idêntico ao de Paul Klee, cambiando esses valores espontâneos para uma construção plástica consciente e racional.
- e) a razão que impõe maior gravidade à produção recente (fase expressionista-fantasmagórica) corresponde ao que ocorre na relação do autor com a humanidade, em termos de um conflito que o tempo trouxe e que determinou no artista uma necessidade expressional.

Este foi o motivo, a determinante, dêle cessar suas construções racionais, lógicas, essencialmente lúdicas, e permitir aos instrumentos habilitados da pintura da inteligência uma mudança para a pintura da emoção. Aquêles instrumentos habilitados, as mãos do artista, que fizeram um dia a construção euclidiana de valores geométricos dentro de um espaço intelectual, partiram de novo para a figura.

Mas não haveria de ser a figura do homem posto no mundo, sem julgamento. Não haveria de ser, nunca mais, o modelo de ateliê, a coisa vista no mundo exterior, escondendo e congelando a história dentro da alma. Teria que ser a criatura sob julgamento, com todo o pejo da história e da destinação.

Dessa reflexão da imagem do homem assim como é vista e julgada no mundo interior do artista, no seu quadro psíquico, até a tela sob a carga do claro-escuro e de mais uma tinta de toque, em toda a veemência do diálogo com a adversidade, chega-se à pintura de fantasmas de Ivan Serpa.

Não há novidade nessas figuras, como condição humana. Há, sim, para a problemática pictorial, como objeto e construção, mas em verdade são a imagem bíblica dos patriarcas e profetas desafiando Deus quando viram o seu povo abandonado. São as figuras da execração, talvez da própria ressurreição de todos os mártires, de Roma, de Buchenwald e Dachau, que agora se levantam, como duendes, pelas mãos do artista, e nos indagam para que morreram.

Ivan Serpa constrói e conclui cada um de seus grandes quadros (de cerca de quatro metros quadrados) em uma única sessão de trabalho, que pode ir de duas horas a muitas, até terminar sem parar. Trabalhava gestualmente, quase. Mas não por conta do ímpeto impreciso e inconseqüente, dos líricos, e sim do gesto que é fruto de toda uma vida de pintura, comandado pela sapiência do artesão e pela emocionalidade do artista.

Para outros críticos, alguns estrangeiros, a atual pintura de Ivan Serpa identifica-se com a pintura-social muralista mexicana.

O teor de protesto, o motivo conflituoso, o caráter judicativo, certamente sugerem as coincidências. Pessoalmente discordo dessa analogia. A pintura-social muralista mexicana é narrativa, cenográfica, alegórica e nitidamente situacional. Tais implicações em nada empequenecem o muralismo mexicano, merecidamente reconhecido como um dos frutos maravilhosos da humanidade atual. A pintura de Ivan Serpa, desta fase mais recente, não é narrativa. É, essencialmente, expressionista, sintetizada a um único personagem, sempre dialogada entre face (componente estrutural) e fisionomia (componente dinâmico).

Não tem alegoria, texto, anedótico, episódio. Mas, em troca, tem uma excepcional carga histórica, remota e recente, desgraçadamente eternizada.

Se fôsse o caso de procurar melhor denominação, preferiria chamá-la de pintura bíblica. Desta maneira estaria indicando a amplitude de universalidade, o teor de humanidade e a imprecisão. Estes atributos parecem verdadeiros porque o conflito íntimo de Ivan Serpa ocorre então o seu equipamento estético e o anseio ético.

O último transforma o primeiro em mero instrumento de uma nova expressividade.

clarival do prado valladares

Nasceu em 1923, no Estado da Guanabara.

Discípulo de Axel Leskoesk.

Professor dos cursos Infantil e Atelier Livre de Pintura do M. A. M. do Rio de Janeiro, desde 1952.

#### exposições individuais

1951 I. B. E. U.  
1953 Teatro de Bólso  
1954 Washington  
1957 Galeria Tenreiro  
1957 Galeria Gea  
1961 M. A. M.  
1963 Galeria Tenreiro  
1964 Galeria Barcinsky

#### exposições coletivas

no Brasil:

1947 a 1951 Salão Nacional de Belas-Artes  
1952, 1955, 1956  
1957, 1960, 1962 Salão Nacional de Arte Moderna  
1951, 1963, 1955  
1957, 1961, 1963 Bienais de São Paulo — I, II, III, IV, VI, VII  
1954 Grupo Frente, no I. B. E. U.  
1955 Grupo Frente, no M. A. M.  
1956 Grupo Frente, em Volta Redonda

no exterior:

1952, 1954, 1962 Bienais de Veneza  
1953 Feira Internacional de Lausanne  
1955 Mês Brasileiro, Paris  
1955 IX Exposição Prêmio Lissone  
1955 III Bienal de Barcelona  
1955 Internacional Art Exhibition, Tóquio  
1957 Montevideu, Buenos Aires, Santiago, Lima  
1961 Walker Art Center, Mineápolis  
1962 Bienal de Córdoba  
1964 Acervo do M.A.M.  
1965 Roval College of Art, Londres  
1965 Salão «Comparaisons», Paris

#### prêmios conquistados

1948 Medalha de bronze — Salão Nacional de Belas-Artes  
1949 Prêmio «Prefeito do Distrito Federal», em pintura — I Salão Municipal  
1953 Prêmio «M. A. M.», na II Bienal de São Paulo  
1955 Prêmio «Moinho Santista», na III Bienal de São Paulo  
1951 Prêmio «Jovem Pintor Nacional», na I Bienal de São Paulo  
1955 Prêmio «Unesco» (reprodução da colagem «Construção 75»)  
1957 Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, do Salão Nacional de Arte Moderna  
1960 Prêmio de Aquisição do Salão Nacional de Arte Moderna  
1961 Prêmio de Aquisição — Ardea — da VI Bienal de São Paulo  
1962 Prêmio de Viagem ao País do Salão Nacional de Arte Moderna



## fantasmas de ivan serpa

Há certos artistas que exigem o conhecimento mais numeroso de seus trabalhos, de vária data, para a compreensão da obra que propõem, assim como da conduta que assumem em face das tendências, dos movimentos e meios de expressão da época.

São artistas que não podem ser mensurados e analisados por um único exemplo. Para eles a versatilidade não corresponde à segurança, mas a uma efetiva participação do sentimento de contemporaneidade, e

tal se refletirá no próprio percurso.

Cada frase passa a constituir a projeção do tempo, caracterizando o estilo da época como situação universal sob interpretação pessoal.

Esta implicação não diminui, nem deteriora a afirmação de um estilo individual, embora o dificulte, pois dependerá do grau de participação do artista nas idéias universais de cada data.

O público, doutra parte, se acostumou a pensar que o estilo individual seja mais o cacoete, mais a própria precariedade. Poucos sabem exigir a plenitude da presença do artista no sentimento de contemporaneidade. Note-se que nem há razão de se esperar o estilo individual quando o autor se situa, e se acomoda a uma linguagem superada, de uma data que ficou para trás encerrando as razões da motivação e emudecendo a mensagem que trazia.

Estilo individual é o acréscimo que o autor superpõe à linguagem estética universal do tempo.

Dentro de uma análise mais rigorosa, sob êstes argumentos, poucos são os artistas reconhecíveis em alto nível de produção através de diferentes estilos.

Não é certo exigir-se fixação definitiva a um estilo de época, quando tal não significa mais que um movimento, um mero anseio de mudança dos meios expressionais, simples e fenômeno efêmero, periódico. Especialmente quando as razões intelectuais e éticas cessam, os arautos se recolhem e os ingênuos (artistas) tornam em órfãos abandonados.

Também não é certo se aplaudir a manifestação apressada, copiada, importada, por sua aparência de contemporaneidade. A aparência, a periferia do fenômeno, é a moda. O único atributo que assegura a autenticidade de uma obra de arte, como linguagem sincera e necessária de uma data, é o suporte da qualidade, em que se baseia como garantia da adoção de novos valores.

Dessa maneira, a verdade de um momento não está na moda, porém na realidade estética. Esta pode constituir-se em termos de um gosto artístico momentâneo, mas não está feita para isto, pois enquanto a moda logo se extingue, a obra de arte permanece.

Permanece porque dispõe de amplitude temporal. A moda restará como resíduo de uma data, enquanto a inerência estética pereniza o núcleo mais verdadeiro, da obra de arte.

Sempre tive certa dificuldade em entender e acompanhar Ivan Serpa. Nunca, entretanto, desconheci nêle a qualidade, o domínio de desenho e de pintura que lhe permite assumir, com irritante tranqüilidade, os novos capítulos que o tempo traz.

O mais intrigante e irritante de Ivan Serpa é êle dispor dos meios naturais do talento e dos recursos do conhecimento com os quais assume não só o nôvo gênero como também o nível mais expressivo da tendência, ou do movimento, para súbitamente renegá-lo, entediado, ao tempo em que a manada dos pobres de espírito continua soletrando e guaguejando na presunção de possuídos da arte eterna.

Pensa-se, então, que Ivan Serpa não tenha continuidade, consistência e, o que seria grave, que não tenha constante da invenção, como atributo definidor de uma obra.

Contudo, a constante da invenção necessária como denominador de uma caracterização individual não corresponde a um determinado trejeito, perene a tona a produção, mas a soma de qualidades do labor e da invenção que percorrem a obra, mesmo quando muda de fases, tendências e gêneros.

O verdadeiro estilo individual acompanha o artista e transcende ao estilo de época. Esta é a característica marcante de Picasso, apenas para mencionar o exemplo mais eloqüente do fenômeno.

Se Ivan Serpa mudasse de gênero a fim de imitar o estilo individual de outrem, então não haveria razão de respeito nem por êle, nem por sua obra.

Após estudar os numerosos trabalhos datados desde os novecentos e quarenta e seis até os mais recentes, incluindo exemplos de comportamento figurativo, escolar e imaginativo, os primeiros abstratos, formais e informais, os geométricos, os lineares, os decorativos, de nôvo os de figura e até atingir a fase atual, cabe-me estabelecer as seguintes afirmações:

1. figura	óleo sobre tela	7- 8-64
2. cabeça	óleo sobre tela	21- 9-64
3. cabeça	óleo sobre tela	29-11-64
4. cabeça	óleo sobre tela	16-11-64
5. paisagem de água limpa, m. g.	nanquim e tinta de escrever	1946
6. noivado	nanquim, carvão, lápis de côr	1949
7. cabeça de gado	gouache (menção c/ louvor salão municipal r.j.)	1949
8. figuras	tinta de escrever e lápis de côr	1949
9. bichos nº 4	têmpera (museu de arte contemporânea de S. Paulo)	10- 6-63
10. bichos nº 5	têmpera (museu de arte contemporânea de S. Paulo)	11- 6-63
11. mulheres e bichos	esferográfica	1963
12. bichos	gouache	11- 6-63
13. mulher e bichos	esferográfica	21- 8-63
14. barquinho	gouache	23- 9-63
15. mulheres e bichos	esferográfica (museu de arte contemporânea de S. Paulo)	28- 9-63
16. bichos	esferográfica	29- 9-63
17. figura	nankim (museu de arte contemporânea de S. Paulo)	27- 7-64
18. cabeça nº 1	nankim	7- 8-64
19. cabeça nº 2	nankim	9- 9-64
20. cabeça nº 4	nankim	29- 9-64
21. cabeça nº 5	nankim	1964
22. sem nome	nankim, esferográfica e tinta de escrever e café	21- 7-63
23. sem nome	nankim, esferográfica, tinta de escrever e café	21- 7-63
24. sem nome	nankim, esferográfica e tinta de escrever	20- 8-63
25. sem nome	nankim, esferográfica, tinta de escrever e café	29- 2-64
26. sem nome	nankim e esferográfica	6-10-64
27. A espera	nankim, esferográfica e tinta de escrever	12-12-64
28. sem nome	nankim e esferográfica	13-12-64
29. sem nome	nankim e esferográfica	24-12-64
30. sem nome	nankim	2- 1-65



1965

MA-BH

instituto de arte contemporânea

**ivan serpa**